



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - FALLA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

ROSÂNGELA BENTO DA SILVA

**CANCELAMENTO VIRTUAL COMO FORMA DE EXERCÍCIO DO PODER
DISCIPLINAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS IDEIAS DE MICHEL FOUCAULT**

Campina Grande - PB

2024

ROSÂNGELA BENTO DA SILVA

**CANCELAMENTO VIRTUAL COMO FORMA DE EXERCÍCIO DO PODER
DISCIPLINAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS IDEIAS DE MICHEL FOUCAULT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa, pela Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - Campus I, Campina Grande - PB.

Orientador: Prof. Dr. José Domingos

Campina Grande - PB

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Rosangela Bento da.
Cancelamento virtual como forma de exercício do poder disciplinar [manuscrito] : uma análise a partir das ideias de Michel Foucault / Rosangela Bento da Silva. - 2024.
34 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.
"Orientação : Prof. Dr. José Domingos , Departamento de Letras e Artes - CEDUC. "

1. Análise do discurso. 2. Cancelamento virtual . 3. Vontade de verdade . 4. Relações de poder . I. Título

21. ed. CDD 401.41

ROSÂNGELA BENTO DA SILVA

CANCELAMENTO VIRTUAL COMO FORMA DE EXERCÍCIO DO PODER
DISCIPLINAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS IDEIAS DE MICHEL FOUCAULT

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção de título de Licenciatura Plena
em Letras – Língua Portuguesa, pela
Faculdade de Linguística, Letras e Artes
(FALLA) da Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB) – Campus I, Campina
Grande – PB.

Aprovada em: 18 /06/2024

BANCA EXAMINADORA

José Domingos

Prof. Dr. JOSÉ DOMINGOS – (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Raniere Marques de Melo

Prof. Dr. RANIERE MARQUES DE MELO (Examinador)
Universidade Federal da Paraíba – UEPB

Tânia Maria Augusto Pereira

Profa. Dra. TÂNIA MARIA AUGUSTO PEREIRA (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

À minha família, pela dedicação e
companheirismo, DEDICO.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 APONTAMENTOS TEÓRICOS	8
2.1 Breve percurso teórico da Análise do discurso	8
2.2 Discurso em Foucault - enunciado como acontecimento	9
2.3 Vontade de verdade e poder disciplinar nas redes sociais	11
2.4 A constituição da subjetividade no cancelamento	13
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
4 OS JOGOS DE PODER NA DINÂMICA DO CANCELAMENTO: ANÁLISE DO CORPUS	16
4.1 O cancelamento de Neymar Jr. e de Luísa Sonza: percepções acerca da traição	16
4.2 O cancelamentos em <i>realities shows</i> : o caso da <i>rapper</i> Karol Conká	23
4.3 Considerações acerca dos cancelamentos analisados	27
5 APONTAMENTOS FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

CANCELAMENTO VIRTUAL COMO FORMA DE EXERCÍCIO DO PODER DISCIPLINAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS IDEIAS DE MICHEL FOUCAULT

Rosângela Bento da Silva¹

RESUMO

O cancelamento virtual despontou como um fenômeno significativo nas redes sociais, envolvendo uma espécie de punição a indivíduos devido opiniões ou comportamentos que não correspondem às expectativas sociais. Este estudo se volta às dinâmicas de poder contidas no cancelamento virtual, com foco na possibilidade de que, apesar do cancelamento atingir tanto homens quanto mulheres, as posições discursivas assumidas nos julgamentos podem ser distintas para ambos. O objetivo geral consiste em analisar discursivamente o fenômeno da cultura do cancelamento virtual em redes sociais, a fim de compreender o funcionamento da vontade de verdade frente às temáticas identitárias de raça e gênero que constituem este discurso. Para isto, delineou-se três objetivos específicos: a) Descrever os discursos produzidos no cancelamento virtual e as sequências enunciativas que são mais frequentemente mobilizadas para justificar esta prática; b) Discutir a relação entre a cultura do cancelamento virtual e as relações de poder imbricadas nos discursos que emergem dessa prática; c) Refletir como as subjetividades são produzidas a partir da vontade de verdade e regulação social que atravessam e constituem os dizeres no ambiente das mídias digitais. A pesquisa foi conduzida mediante um estudo descritivo-interpretativo de natureza qualitativa, cujos dados foram interpretados sob a perspectiva da arqueogenealogia de Michel Foucault (1996; 2012). Ao longo do trabalho, foram abordados os conceitos de discurso, enunciado, poder, vontade de verdade e subjetivação. O *corpus* é composto por excertos retirados de postagens das redes sociais: *Instagram* e da Rede X, devido à popularidade e relevância desses espaços no contexto atual. Percebeu-se que os julgamentos dirigidos aos cancelados são seletivos: quando direcionados às mulheres, são carregados de uma linguagem depreciativa, quando referentes aos homens, estes frequentemente são perdoados, com uma construção positiva de sua imagem, apontando para um cancelamento mais brando, com um tom menos odioso e agressivo. Isso revela que as práticas discursivas do cancelamento estão enraizadas em relações de poder que perpetuam as diferenças de gênero e raça.

Palavras-chave: discurso; cancelamento virtual; vontade de verdade; relações de poder.

ABSTRACT

Virtual cancellation has emerged as a significant phenomenon on social media, involving a type of punishment for individuals due to opinions or behaviors that do not correspond to social expectations. This study focuses on the power dynamics contained in virtual cancellation, focusing on the possibility that, although cancellation affects both men and women, the discursive positions assumed in the judgments can be different for both. The general objective is to discursively analyze the phenomenon of virtual cancellation culture in order to understand the functioning of the will to truth in the face of the identity themes of race and gender that constitute this discourse. To this end, three specific objectives were

¹Graduanda de Letras, habilitação Língua Portuguesa, pela Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA), da Universidade Estadual da Paraíba.
rosangela.bento@aluno.uepb.edu.br

outlined: a) Describe the discourses produced in virtual cancellation and the enunciative sequences that are most frequently mobilized to justify this practice; b) Discuss the relationship between virtual cancellation culture and the power relations embedded in the discourses that emerge from this practice; c) Reflect on how subjectivities are produced based on the desire for truth and social regulation that permeate and constitute sayings in the digital media environment. The research was conducted through a descriptive-interpretative study of a qualitative nature, whose data were interpreted from the perspective of Michel Foucault's archaeogenealogy (1996; 2012). Throughout the work, the concepts of discourse, statement, power, will to truth and subjectivation were addressed. The corpus is composed of excerpts taken from posts on social networks: Instagram and Rede X, due to the popularity and relevance of these spaces in the current context. It was noticed that the judgments directed at those canceled are selective: when directed at women, they are filled with derogatory language, when referring to men, they are often forgiven, with a positive construction of their image, pointing to a milder cancellation, with a less hateful and aggressive tone. This reveals that the discursive practices of cancellation are rooted in power relations that perpetuate gender and racial differences.

Keywords: discourse; virtual cancellation; will to truth; power relations.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, os recursos tecnológicos estão muito presentes na vida dos sujeitos, sendo utilizados desde como um meio de informação do que acontece no mundo, quanto ferramenta de estudos, diversão e até entretenimento. No livro “Cibercultura”, Pierre Lévy (1999) destaca a importância da tecnologia na sociedade contemporânea. Para ele, a tecnologia funciona não como uma ferramenta neutra, mas de maneira que transforma o modo de pensar e se relacionar das pessoas.

Segundo Lemos (2003), a cibercultura pode ser compreendida como uma forma sociocultural emergente que reflete a relação entre os avanços tecnológicos e as experiências culturais e sociais. Nesse universo, surgem as redes sociais, que em particular, são um exemplo de como essas tecnologias alteram as relações sociais, uma vez que permitem às pessoas se conectarem e interagirem de maneiras novas. Esse recurso figura como espaço de relações compostas por pessoas ou organizações que compartilham valores ou conhecimentos em comum. Logo, a comunicação interativa e coletiva possibilita a aproximação com o outro e também o acesso à informação em sua rápida difusão. Essas plataformas digitais permitem que usuários criem perfis pessoais, compartilhem fotos, vídeos, mensagens e se conectem com outras pessoas de diversos lugares, ainda podendo ser utilizada como suporte para ambiente de trabalho com os perfis comerciais, devido às comercializações e publicidades divulgadas nos perfis. Entre as principais plataformas digitais mais acessadas podemos citar o *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp*, *Rede X* (antigo *Twitter*), *YouTube*, *Telegram* e *TikTok*. Estas redes são a principal forma de interação entre anônimos, artistas e seus seguidores.

Nos últimos anos, popularizou-se nas redes um fenômeno denominado “Cultura do cancelamento”, que diz respeito à exclusão de uma pessoa ou ideia do ambiente virtual por meio de ataques verbais, boicotes e retaliações. Como afirma Lopes (2022), ao menor desvio cometido por um sujeito nesse meio virtual, uma movimentação é criada para suspender o usuário, como forma de punição. Esta cultura de punir uma pessoa por comportamentos divergentes é uma prática relativamente nova na história da humanidade em termos de sua difusão e amplitude. Da mesma forma, noutras épocas e contextos culturais, indivíduos ou

grupos desafiaram as normas sociais ou grupos que desafiaram normas sociais ou políticas foram sujeitos a punições coletivas, como o banimento, a humilhação pública ou execução.

Após uma pesquisa no Google Acadêmico, observamos que o tema do cancelamento já foi discutido na perspectiva da Psicologia comportamental, do Direito, da Análise do Discurso Crítica. Agora, propomos analisá-lo sob a ótica da Análise do discurso de base foucaultiana, pois vislumbramos uma melhor compreensão do fenômeno, tendo em vista que essa perspectiva crítica permite investigar como o cancelamento está relacionado ao poder disciplinar, que molda os comportamentos e as subjetividades, e ao controle dos discursos.

O termo cultura do cancelamento emerge nos espaços de informação para o grande público em 2017, quando atrizes estadunidenses se posicionaram contra assédios e abusos sexuais. Após isso, levantou-se nas redes sociais #metoo como ação de denúncia e reforço aos boicotes de abusadores e assediadores. Em 2021, com o *reality show Big Brother Brasil*, a cantora Karol Conká teve uma passagem conturbada pelo programa e foi cancelada pelas suas atitudes, o termo cultura do cancelamento ganhou força nas redes. Como resultado, a participante foi eliminada do programa com recorde de rejeição do público, 99,17% dos votos.

No contexto atual, estudar o cancelamento virtual é importante por diversas razões, entre elas: as redes sociais se tornaram um espaço privilegiado de comunicação e interação social e a prática do cancelamento virtual não se restringe a artistas e celebridades, senão sujeitos dos mais diferentes segmentos e formações sociais. Desse modo, o cancelamento pode ter um impacto significativo na vida das pessoas, indistintamente.

A presente pesquisa busca contribuir com a compreensão deste fenômeno e suas relações sociais na era digital a partir de uma perspectiva foucaultiana. Empreendemos uma análise de como o discurso e o poder se entrelaçam nas práticas discursivas das redes sociais, como isso influencia o cancelamento virtual e como questões raciais e de gênero são percebidas e tratadas no contexto dos cancelamentos.

A pesquisa tem como materialidades analisadas enunciados/postagens das redes sociais *Instagram* e Rede X, como espaços onde ocorrem práticas de cancelamento virtual e matéria de *blog*. Realizamos uma análise de postagens e os comentários presentes, com o objetivo de identificar as regularidades enunciativas em relação, por exemplo, a questões de raça. Analisamos a linguagem utilizada nos comentários, identificando efeitos de sentidos que remetem a discursos de ódio, intolerância, preconceito ou discriminação. A partir dessa análise, pretendemos compreender como essas questões se materializam nos discursos presentes nas redes sociais, quais enunciados são mais frequentemente mobilizados para justificar os efeitos do cancelamento ou a ausência dele e como as práticas discursivas do cancelamento virtual constituem e reproduzem relações de poder na sociedade contemporânea.

Diante do acontecimento do cancelamento como prática social do nosso presente, esta pesquisa se estrutura em torno de algumas indagações: como são construídos os discursos do cancelamento, considerando aspectos identitários específicos de racialidade e de gênero? É possível identificar regularidade nas discursividades produzidas em torno de diferentes episódios de cancelamento envolvendo, por exemplo, homens, mulheres ou pessoas negras? Como as relações de poder são estabelecidas nesses processos, considerando as vontades de verdade que as constituem na contemporaneidade?

A fim de dar conta destas questões, nosso objetivo geral consiste em analisar discursivamente o fenômeno da cultura do cancelamento virtual e compreender o funcionamento da vontade de verdade frente às temáticas identitárias de raça e gênero que constituem este discurso. Em torno deste objetivo principal, delineamos três objetivos específicos: a) Descrever os discursos produzidos no cancelamento virtual e as sequências enunciativas que são mais frequentemente mobilizadas para justificar esta prática; b) Discutir

a relação entre a cultura do cancelamento virtual e as relações de poder imbricadas nos discursos que emergem dessa prática; c) Refletir como as subjetividades são produzidas a partir da vontade de verdade e regulação social que atravessam e constituem os dizeres no ambiente das mídias digitais.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa trata-se de um estudo descritivo-interpretativo de natureza qualitativa. Adotamos os seguintes procedimentos: primeiramente, selecionamos os episódios de cancelamento que obtiveram maior repercussão entre os anos de 2020 e 2023, a saber, os casos: Neymar Jr. , Luisa Sonza e Karol Conká. Essas celebridades possuem uma presença constante no meio virtual, qualquer assunto relacionado a elas pode ter uma repercussão significativa.

Em seguida, procedemos à coleta dos *posts* e comentários nas redes sociais *Instagram* e Rede X, seguida da análise das sequências de enunciados-comentários e suas constituições linguístico-discursivas.

Para embasar a pesquisa, realizamos uma revisão bibliográfica apoiada principalmente nas contribuições de Foucault (1996; 2012). Além do conceito de cancelamento virtual, mobilizamos alguns conceitos dos estudos discursivos foucaultianos, que promovem reflexões sobre discurso, enunciado, vontade de verdade, relações de poder e subjetividade.

Para além desta introdução, o presente artigo encontra-se estruturado da seguinte maneira: na próxima seção, encontram-se os apontamentos teóricos, que versam desde um contexto geral da Análise do discurso até conceitos específicos supracitados. Posteriormente, a seção dos procedimentos metodológicos, seguida da análise do *corpus* e, por fim, as considerações finais.

2 APONTAMENTOS TEÓRICOS

2.1 Breve percurso teórico da Análise do discurso

O nosso trabalho está inscrito na área de estudo da Análise do Discurso (AD), um campo teórico que se dedica a investigar as práticas discursivas na linguagem. Especificamente, buscamos amparo nas teorizações de Michel Foucault acerca do discurso, do enunciado, do poder, da verdade e do sujeito, formulações já incorporadas ao arcabouço teórico-metodológico da AD.

Nas palavras de Orlandi (2003, p. 15), “a Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, pois é exterior a ela, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso”. Neste sentido, compreende-se o discurso como os efeitos de sentidos entre os locutores, considerando suas condições de produção. Assim, é um campo de pesquisa em expansão, cujo objeto principal é o discurso e os significados que este lhe atribui.

Os teóricos Michel Pêcheux e Jean Dubois foram os pioneiros dessa área de pesquisa, apresentando diferenças fundamentais em suas perspectivas teóricas, contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento de abordagens distintas dentro da análise do discurso, refletindo divergências fundamentais em suas perspectivas teóricas.

Nos anos 60, a AD se constituiu no espaço de questões criadas pela relação entre três domínios disciplinares que são, ao mesmo tempo, uma ruptura com o século XIX: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, como afirma Orlandi (2003).

Gregolin (2003) destaca que, apesar de Pêcheux² e Dubois³ serem ligados ao marxismo e à política, possuíam uma visão distinta da relação com o novo campo de estudo que estava delineando-se. Enquanto Dubois acreditava que a AD seria uma continuação natural da Linguística, Pêcheux enxergava como um novo campo de investigação que toma como objeto o discurso, a relação indissociável da língua com a história. A AD derivada de Pêcheux recebeu influências de quatro pensadores: 1) Bakhtin, através da linguagem dialógica; 2) Althusser com as leituras do marxismo e o conceito de ideologia; 3) Lacan, nas releituras de Freud para trabalhar com a noção do sujeito inconsciente; 4) Foucault com a análise das práticas discursivas e do poder, contribuindo em uma perspectiva inovadora sobre como a linguagem opera como um dispositivo de poder.

Para Orlandi (2003), a linguagem não é um simples meio de comunicação,

(...) no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informações (Orlandi, 2003, p. 21).

A AD reconhece que todo discurso está inserido em um contexto sócio-histórico e, portanto, não é neutro, o que permite encontrar no discurso os sentidos que ele manifesta tendo em conta o sujeito e o que está à sua volta, a saber, sua história, ideologia e o contexto social ao qual pertence.

Para utilizar a AD como procedimento teórico-metodológico é necessário seguir alguns pontos como afirmam Santos, Oliveira e Saad (2021),

É por meio da interpretação e análise do texto (seja escrito, falado, imagens, músicas, etc.) que o analista, frente a uma teoria e à utilização de procedimentos metodológicos, **procura identificar uma formação discursiva e a qual formação ideológica ela está ligada. Para tanto, o analista precisa depreender o lugar de fala do sujeito e de onde os sentidos surgem.** (Santos, Oliveira e Saad, 2021, p. 89. Grifos nossos).

Foucault (1996) defende uma abordagem discursiva diferente da análise tradicional situando o discurso em seu contexto histórico e cultural. Assim, entender o discurso requer uma análise das condições sociais, políticas e culturais que o cercam. Isso implica considerar que o significado das palavras e ideias pode variar ao longo do tempo e em diferentes contextos, “A análise do discurso, assim entendida, não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação [...]” (Foucault, 1996, p. 70).

A AD deve examinar como as estruturas de poder estão presentes e operam nos discursos, deve-se questionar e repensar as verdades condicionadas, em vez de aceitá-las passivamente.

2.2 Discurso em Foucault - enunciado como acontecimento

Em nossa análise, elegemos a Análise do discurso de base foucaultiana para observar como as formas de relação nos cancelamentos virtuais funcionam como modos de regulação

² Michel Pêcheux (1938–1983) foi um filósofo, ligado à teoria de Althusser, e linguista francês, precursor na análise do discurso, que viria a ser conhecido como a Análise do Discurso Francesa (AD). Para Pêcheux, a AD seria um novo campo de investigação que articularia a linguística e o materialismo histórico. (Gregolin, 2003)

³ Jean Dubois (1920-2015) foi um lexicólogo criador da revista *Langages* e fundador da Análise do discurso. Para Dubois, a AD seria uma continuação natural da linguística. (Gregolin, 2003)

social. Logo, a escolha de Foucault como referencial teórico é justificada pela sua contribuição para a análise das relações entre discurso e poder em diferentes contextos sociais (político, religioso, institucional), incluindo a esfera virtual, onde está inserido o cancelamento, como objeto discursivo desta pesquisa, o que contribui para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas sociais e das práticas de poder no mundo virtual. Trabalhamos com os conceitos de discurso, enunciado, poder, vontade de vontade e subjetividade à luz do que se convencionou chamar de arqueogenealogia foucaultiana.

Para entendermos a definição de discurso em Foucault, devemos entender o que é um enunciado. Para o autor, o enunciado não é uma frase ou um conjunto de frases, mas “deve ser percebido na singularidade de sua situação, aprendendo as suas condições de existência, a relação de um determinado enunciado com outros, além de perceber quais enunciações exclui”, como asseveram Carlos e Silva (2020, p. 32). Assim, desprende-se que os enunciados não têm significado por si só, mas ganham significado em um contexto específico, “o sentido se produz a partir de uma base estruturante, isto é, iniciando pela palavra, o átomo do discurso. Mas não qualquer palavra, ou melhor, qualquer palavra posta em movimento” (Joanilho e Joanilho, 2011, p. 29).

Partindo deste pensamento, chega-se à definição de discursos como um conjunto de enunciados que pertencem a uma mesma formação discursiva, segundo regras não apenas linguísticas ou formais, mas também determinadas pelo contexto histórico (Foucault, 2012).

O discurso, então, surge por meio de já ditos, enunciados pronunciados e reconstruídos pelos sujeitos. Essa possibilidade de reconstruir os enunciados e fazer com que eles reapareçam em contextos diferentes remete à noção de acontecimento.

Um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo da memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem. (Foucault, 2012, p. 32).

Foucault (2012), defende que o enunciado é uma entidade complexa que não pode ser totalmente compreendida pelo estudo da linguagem ou do significado direto. Existe para além do momento da criação, está sujeito a diferentes interpretações e conexões com outras expressões e é um elemento fundamental na construção do conhecimento e do poder social. “O discurso emerge por meios de condições de possibilidade, ou seja, surge num tempo e num lugar específico, numa conjunção de saberes que o singulariza como um acontecimento” (Moura, Brunet e Silva, 2023, p. 6), desse modo, o significado não está no que é dito literalmente, mas nas circunstâncias históricas e sociais que cercam sua produção e recepção, dando um novo significado ao discurso.

A partir disso, o enunciado é caracterizado por quatro condições essenciais que caracterizam o discurso como uma unidade, são elas: I- possuir um referencial que corresponde às condições de possibilidade; II- posição sujeito; III) o enunciado se conectar com outros já ditos e IV) possuir um suporte repetível (Domingos, 2014, p. 191). Destarte, a partir dessas funções enunciativas, é possível compreender como os enunciados são estruturados e como os sujeitos se posicionam em relação ao que é dito e às condições históricas que possibilitam esses dizeres, “é essa ordem que regula as práticas e as formações discursivas, imputando um efeito de raridade aos enunciados” (ibid. p. 191).

Domingos (2014, p. 192) expõe a definição foucaultiana da formação discursiva

através de um conjunto de quatro elementos essenciais que caracterizam as unidades do discurso: os objetos, as modalidades enunciativas, os conceitos e as estratégias, “é no funcionamento de cada uma dessas unidades que encontramos a regularidade do discurso”. A formação do objeto diz respeito ao assunto que é formado e definido dentro de um discurso específico, emergindo em determinado momento, sendo delimitado por instâncias sociais que têm autoridade para falar sobre ele. Seguidamente, tem-se a formação das modalidades enunciativas, que evidencia “o estatuto do sujeito que fala, sobre os lugares institucionais de onde o sujeito fala e sobre a posição ocupada pelo sujeito na enunciação” (Domingos, 2014, p.193). Assim, refere-se às condições em que o discurso é proferido. Além disso, é preciso descrever as formações dos conceitos, que envolvem a organização do campo dos enunciados onde os objetos aparecem e circulam. Os discursos quando são formados seguem regras parecidas, ainda que diferenciem os campos dos significados, então ao “indicar os diversos tipos de correlações entre os conceitos mostra a regularidade que está na base de sua existência” (ibid, p. 195).

Por fim, a formação das estratégias abrange “os temas e teorias que caracterizados pelos enunciados que provêm de certo domínio discursivo” (Domingos, 2014, p. 196). Dito isto, entender a formação das estratégias é fundamental porque através dela é possível identificar como e por que determinados temas e teorias ganham destaque em determinados contextos.

Em suma, cada elemento que compõe as unidades discursivas é de suma importância para a interpretação da produção do discurso, “este só se realiza nos feixes complexos de relações que se desenvolvem simultaneamente entre todos os níveis dos domínios discursivos expostos” (Domingos, 2014, p. 197).

2.3 Vontade de verdade e poder disciplinar nas redes sociais

No cenário do cancelamento virtual, a construção e a disseminação dos discursos têm um papel crucial na construção e na popularização do cancelamento, o que resulta na exclusão e no julgamento de determinadas pessoas ou grupos.

A cultura do cancelamento é caracterizada pelo uso frequente de plataformas de mídia social para denunciar, criticar e até mesmo “cancelar” indivíduos públicos. Aqui, analisamos como o discurso tem um papel fundamental nesse processo, destacando a rápida disseminação de narrativas de cancelamento e a construção de uma verdade temporária em torno do indivíduo cancelado.

Na obra, *A ordem do Discurso*, conferência proferida por Michel Foucault em sua aula inaugural, em 1970, no Collège de France, o autor direciona seus apontamentos a respeito do discurso e como este é regulado socialmente.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1996, p. 9).

De acordo com essas postulações, temos como exemplo as instituições sociais que regulam os discursos, a mídia, a escola, as religiões e o governo. Estes controlam e regulam o discurso, impondo certas verdades e silenciando outras vozes e práticas sociais. Assim, para o autor, o discurso é uma prática social permeada pelo poder usado para moldar as identidades, os modos de ser dos indivíduos. Para isto, é fundamental compreender como ele é usado para produzir verdades e moldar as relações de poder. As sociedades têm mecanismos específicos

para controlar e regular o que pode ser dito, as coerções “que limitam seus poderes, as que dominam suas aparições, as que selecionam os sujeitos que falam” (Foucault, 1996, p. 37).

A partir da noção de regulação, o conceito de vontade de verdade ganha centralidade na compreensão das práticas discursivas e da produção de conhecimento. Deste modo, Foucault destaca como a vontade de verdade afeta a forma como o discurso é construído e circula na sociedade. A vontade de verdade, segundo Foucault (1996), é mais do que a busca pela verdade objetiva, é uma aspiração de confirmar, governar e monopolizar certos discursos em detrimento de outros. Cada sociedade tem seu regime de verdade, ou seja, há um tipo de discurso que aceita e faz funcionar. As estruturas de poder e autoridade envolvidas nesta iniciativa ditam a validade dos discursos escolhidos, ao mesmo tempo que invalidam aqueles que estão fora da sua preferência. Em última análise, isto está ligado à luta pelo poder, uma vez que os discursos que defendem as relações de poder dominantes são validados como verdadeiros, enquanto outros são reprimidos, “essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (Foucault, 1996, p. 18).

Para analisar o cancelamento como exercício de poder disciplinar, precisamos considerar a vontade de verdade, o desejo de estabelecer e controlar o que é considerado verdadeiro numa determinada sociedade. Quando uma ideia é sancionada por instituições, ou páginas nas redes sociais, ela tende a impor uma pressão e exercer uma espécie de poder sobre os demais discursos, obrigando a aceitar essa verdade agora estabelecida. No cancelamento, podemos identificá-la na busca incansável por expor os erros ou comportamentos considerados inadequados dos sujeitos cancelados. Embora possa ter como objetivo desafiar estruturas opressivas, essa cultura do cancelamento pode gerar novas formas de exclusão e conformidade, já que a verdade não é uma realidade objetiva, mas um produto das estruturas de poder da sociedade e do contexto histórico.

Ao expor os deslizes cometidos por alguma celebridade em perfis que exercem influência nas redes sociais, há uma ampla difusão desses atos e vislumbra um longo alcance nos julgamentos, chegando até ao linchamento virtual, caracterizado pela ameaça coletiva dirigida a um sujeito no ambiente virtual. Com esse ato de condenar e desaprovar publicamente as ações ou declarações de um indivíduo nas redes sociais, muitas vezes resultando em boicotes, críticas agressivas, surgem algumas indagações: como são construídos os discursos do cancelamento, considerando aspectos identitários específicos de racialidade e de gênero? É possível identificar regularidade nas discursividades produzidas em torno de diferentes episódios de cancelamento envolvendo, por exemplo, homens, mulheres ou pessoas negras?

É perceptível que, culturalmente, há expectativas sociais em relação à maneira como homens e mulheres devem se comportar, conforme as características associadas a cada gênero, e esses estereótipos podem ter um impacto significativo nas percepções e reações às ações de indivíduos nas redes sociais. Durante a história, as mulheres foram alvo de diversos estereótipos, incluindo a ideia de que devem ser dóceis e submissas, caso contrário eram vistas como histéricas. Por outro lado, os homens muitas vezes são associados a características como assertividade, racionalidade e liderança. Tomando esses aspectos, este estudo pretende lançar luz sobre a possível disparidade no cancelamento virtual entre homens e mulheres, especialmente mulheres negras. À vista disso, “não podemos pensar a condição feminina sem considerarmos o sistema por meio do qual são dominadas, exploradas e tidas como seres inferiores aos homens”, como afirmam Gomes e Silva (2019, p. 103). Essas ‘verdades’ construídas acerca da mulher podem torná-las mais vulneráveis às críticas, uma vez que os desvios desses padrões são interpretados de formas negativas.

2.4 A constituição da subjetividade no cancelamento

Conforme Lopes (2022, p. 156), na configuração atual dos meios de comunicação, as redes sociais são destaques na produção e reprodução de discursos e multiplicação dos sentidos gerados, “juntas, as redes sociais constituem verdades, tornando-se eficazes em nortear as formulações, controlar os ditos e orientar os sentidos possíveis”.

No cancelamento, esse efeito multiplicador que as redes sociais possuem contribui significativamente para a mobilização coletiva, a rejeição e desaprovação de um indivíduo. Esse fenômeno envolve a participação ativa de usuários ou grupos que compartilham da mesma opinião em relação a um indivíduo. Logo, essa disseminação instantânea de opiniões e notícias amplia a visibilidade da situação.

A rejeição social, uma das características principais, atrelada ao ambiente onde as opiniões são rapidamente compartilhadas, forma a arena de outrora onde ocorriam os julgamentos públicos. Os internautas que participam do espetáculo do julgamento online agem para responsabilizar o alvo do momento por palavras e ações, segundo regras próprias do que é aceitável ou não. Para isto, o discurso de ódio, classificado como insulto, encontra respaldo ao ser defendido pela ótica da liberdade de expressão. À vista disso, os boicotes, as humilhações públicas, a perda de seguidores, podem influenciar na autopercepção, moldando suas identidades, conforme a expectativa da comunidade, evitando ataques futuros.

É possível percebermos como o poder atua na formação de identidades específicas, delineada pela aceitação ou pela rejeição de certas ideias. Consequentemente, a partir da dinâmica do exercício de poder, os discursos sociais influenciam a maneira como o sujeito percebe a si e aos outros.

É nesta “relação consigo”, nas experiências que o sujeito faz de si mesmo nas relações de saber/poder, que a subjetividade é constituída. O processo de subjetivação, ou a relação consigo, se dá em função das técnicas de si, que se constituem em formas de governamentalidade (Gonçalves, 2016, p.117).

A partir da desaprovação advinda dos julgadores, cabe ao cancelado rever seus atos para entrar na ordem estabelecida e evitar a rejeição social ou resistir ao controle. Baseado em como cada cancelamento é discursivizado nos julgamentos, o sujeito poderá se sentir injustiçado, revoltado ou perseguido, e reagir com defesa ou negação. Desse modo, a constituição do sujeito resultará da intersecção da dominação do outro e as técnicas de si.

A prática do cancelamento reflete a governamentalidade, uma vez que são criadas regras/expectativas que definem quem está dentro ou fora dos limites aceitáveis de comportamento. A capacidade de influenciar a reputação online de uma pessoa e determinar sua aceitação ou exclusão na comunidade digital é reflexo da atuação do poder no ambiente virtual. Na leitura de Moura, Brunet e Silva (2023) sobre poder em Foucault,

Tem-se uma visão de poder que o afasta do campo da repressão, da localização do poder num único ponto ou numa instituição, da posse do poder específico, mas se trata de uma microfísica do poder cuja principal tese é a seguinte: o poder está disperso por todo o corpo social e não pode ser compreendido sob a ótica da negação, mas a partir da ideia de positividade (Moura, Brunet e Silva, 2023, p. 8).

No ambiente virtual, há grupos influentes que possuem o poder de mobilizar a opinião pública para estabelecer que ações/falas são aceitáveis e quem pode realizá-las, a saber, páginas que comentam a vida dos famosos, *blogs* e influenciadores digitais. Aqueles que possuem maior visibilidade, detém influência na disseminação de notícias (verídicas ou

inverídicas) para induzir a percepção pública. Nesta articulação das redes sociais, o algoritmo contribuirá com a intensificação das propagações de informações. Uma postagem que possua alcance acentuado (número de curtidas, comentários e compartilhamentos) poderá ser promovida como tópico destaque, alcançando um público ainda mais amplo. Com base nas interações que o usuário possui com o assunto em destaque e com o efeito viral das postagens, a percepção a cerca de um cancelado pode ser moldada, à medida que as postagens que aparecerão estarão diretamente relacionadas com o tipo de interações online anteriores, *posts* curtidos, repostados pelo usuário, determinando o que é apresentado e como é apresentado. Esta prática pode estimular a disseminação de outros discursos conforme esse ambiente propício.

A interação entre a exposição pública e o poder de disseminação de conteúdo dessas páginas destaca a complexidade dos modos de subjetivação que emergem dessas dinâmicas. Ao ser bombardeado de ataques sobre suas ações, o sujeito cancelado se vê moldado pela percepção pública, logo, poderá impactar também a identidade percebida de si.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de abordagem, do ponto de vista dos objetivos, descritivo-interpretativa de natureza qualitativa, uma vez que buscamos descrever o fenômeno do cancelamento e sua forma de relacionamento com o discurso e os jogos de poder. Quanto aos procedimentos metodológicos, é bibliográfica e documental. Bibliográfica porque são utilizadas referências teóricas para levantamento da situação em questão para fundamentar a nossa pesquisa, como nos afirma Severino (2007),

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (Severino, 2007, p.122).

É classificada também como documental, pois o *corpus* escolhido, comentários em postagens de páginas de redes sociais, caracteriza-se como uma fonte primária de análise, conforme Severino (2007),

No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações e documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir do qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise (Severino, 2007, p.123).

A análise foi realizada a partir de excertos retirados das postagens das redes sociais: *Instagram* e da Rede X. Escolhemos essas duas plataformas, pois a popularidade, dinâmica de conteúdos e a capacidade de viralização dos tópicos são melhor observados nesses espaços em comparação com o *Facebook*, por exemplo, que embora seja uma rede social popular, as dinâmicas de privacidade limitam a visibilidade das discussões públicas.

Para tanto utilizamos o método arqueogenealógico, fruto dos estudos discursivos foucaultianos, o qual se volta para a descrição do discurso com valor de acontecimento no interior dos diferentes jogos de poder-saber.

Foram selecionados comentários e postagens sobre os cancelamentos nas redes sociais supracitadas, explorando os *posts* que, em nosso entendimento, melhor evidenciam as implicações do cancelamento virtual. No processo analítico, a descrição da materialidade é essencial para compreender as regularidades, padrões enunciativos e discursos subjacentes a esse fenômeno digital. A escolha dessas plataformas se justifica pela sua relevância na disseminação de informações e interações em nossa atualidade. Buscamos identificar o uso de regularidades enunciativas utilizadas pelos comentaristas para discursivização dos cancelados. Em seguida, analisamos séries de enunciados-comentários, buscando identificar se há uso de recorrências linguístico-discursivas na construção da imagem social dos famosos, e se esses padrões de linguagem e estruturas discursivas podem ser repetidos e reutilizados ao longo dos enunciados, pondo em circulação determinada vontade de verdade, que atua na manutenção de certas construções discursivas.

No interior do arquivo⁴, montado a partir das materialidades postas em circulação sobre diferentes episódios de cancelamento de figuras conhecidas da mídia entre 2020 e 2023, a exemplo de Luísa Sonza, Karol Conká, Neymar Jr., Mc Guimê, Deolane Bezerra, selecionamos três deles para a nossa análise. São eles: Karol Conká, Luísa Sonza e Neymar Jr. O critério para a escolha desses famosos se deu por querermos observar o funcionamento do discurso a partir do elemento da interseccionalidade de gênero e raça. Esses três casos exemplificam os impactos do cancelamento a um homem hétero, uma mulher branca e uma mulher negra.

Os cancelamentos mencionados acima foram importantes por despertarem debates acerca da moralidade feminina, o racismo e os privilégios masculinos. Essas celebridades têm uma presença constante nas redes sociais, o que significa que qualquer ação realizada por elas toma grandes proporções virtualmente. Desse modo, *hashtags* que envolviam os casos viralizaram nas redes sociais.

Vale ressaltar que, em ambos casos analisados nesta pesquisa, o que propomos observar não são as atitudes pelas quais cada um foi cancelado, mas os diferentes discursos condenatórios e as implicações sociais desses casos.

Utilizamos como estratégia de preservação do *corpus* a captura de tela para garantir a salvaguarda dos dados, uma vez que as postagens/matérias/comentários podem ser arquivadas ou excluídas pelo administrador da página/perfil. Para manter o respeito aos usuários responsáveis pelas opiniões, todos os dados foram tratados de forma anônima. Ao examinar os dados coletados, tivemos por objetivo identificar linhas recorrentes, destacar variações nas expressões do cancelamento e capturar as diversas perspectivas que permeiam as interações.

Para chegar aos *posts* da Rede X, recorremos ao mecanismo de “Busca avançada” disponível na própria rede social, na qual incluímos o uso das palavras-chave: *Luisa Sonza; Whindersson; separação*. O período selecionado, para este caso, foi de 29 abril de 2020 a 31 de agosto de 2020, uma vez que este foi o período em que mais se destacaram as notícias e, conseqüentemente, comentários sobre o referido cancelamento. Para os *posts* da Karol Conká, aplicamos as palavras-chave: *Karol Conká; bbb 21*, o período selecionado foi de 1 de fevereiro a 31 de março de 2021; além disso, utilizamos *#expulsãoKarolConka*, uma vez que essa *hashtag* ficou em alta no período da participação da artista no *reality show Big Brother Brasil*. Para o caso de Neymar Jr., empregamos as palavras-chave: *Neymar; traição*. Já os comentários analisados do *Instagram* foram extraídos de postagens das páginas oficiais dos realities dos quais os famosos participaram e da página oficial do jogador, em que foi publicada a carta aberta.

⁴ Com base no arcabouço teórico-metodológico da arqueologia foucaultiana, Domingos e Silva (2023) nos mostram que a noção de arquivo, enquanto sistema geral da formação e da transformação dos enunciados, continua produtiva para os estudos discursivos, articulada ao discurso como estrutura e acontecimento.

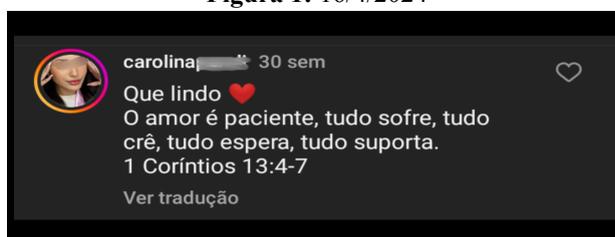
4 OS JOGOS DE PODER NA DINÂMICA DO CANCELAMENTO: ANÁLISE DO CORPUS

4.1 O cancelamento de Neymar Jr. e de Luísa Sonza: percepções acerca da traição

O primeiro cancelamento analisado refere-se ao do jogador Neymar Jr., que aconteceu em 2023. O cancelamento ocorreu após episódio de traição a sua noiva, que estava grávida, e que teria acontecido no Dia dos Namorados. Com toda repercussão do caso, o jogador assumiu a traição e fez uma carta aberta em forma de *post* na rede social *Instagram* para se desculpar.

As sequências enunciativas frisam que:

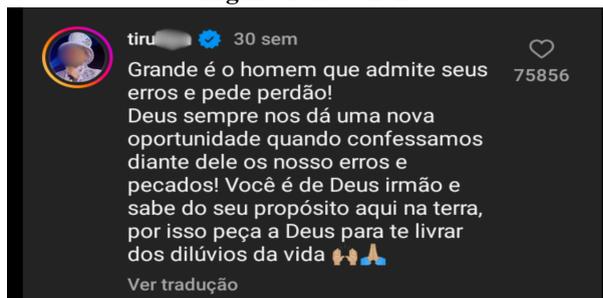
Figura 1: 16/4/2024



Fonte: *Instagram* (2024)

Na figura 1, notamos que o enunciador utiliza-se de um versículo bíblico encontrado na epístola aos Coríntios, em que o apóstolo Paulo escreve sobre a importância do amor e como este é superior a qualquer outro dom, podendo ser entendido como um reflexo divino. Com base nessa passagem bíblica, o sujeito que enuncia justifica seu posicionamento de que o jogador deveria ser perdoado por sua noiva, segundo esse ato de amor supremo.

Figura 2: 16/4/2024

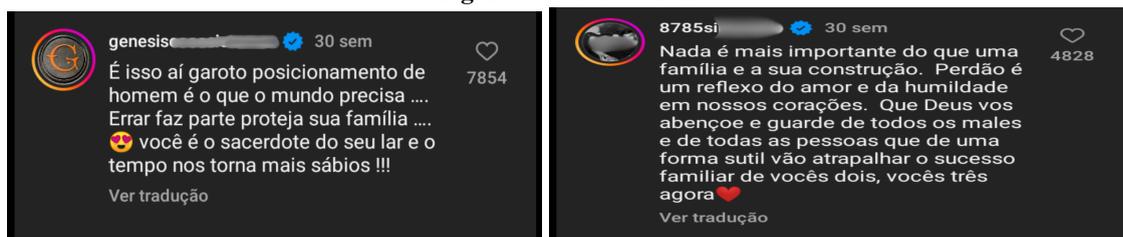


Fonte: *Instagram* (2024)

Na figura 2, outras palavras também remontam a esse posicionamento religioso: *perdão*, *Deus*, *propósitos*, *pecados*, *dilúvio*, recorrendo ao discurso religioso/cristão como saber verdadeiro estabelecido historicamente.

A iniciativa de redenção do sujeito é validada em uma moral religiosa, buscando perdoá-lo com base nesses mesmos princípios. Ao enunciar que “*grande é o homem que admite seus erros e pede perdão*” reforça-se o sentido de que admitir o erro e pedir perdão é uma virtude, um posicionamento nobre diante dos fatos, desse modo, o sujeito merece ser visto como digno de perdão.

Figuras 3 e 4: 16/4/2024



Fonte: Instagram (2024)

No enunciado-comentário das figuras 3 e 4 persistem os dizeres que o filiam a uma formação discursiva religiosa/cristã, tendo como exemplo, “*Você é sacerdote do seu lar*”, que reflete a construção da figura masculina, segundo uma visão cristã, na qual, o homem está vinculado à figura daquele que protege e que possui a função de liderar a família. Há ainda uma produção de sentidos que busca naturalizar os erros, justificando-os com expressões “*errar faz parte*”, “*o tempo nos torna mais sábios*”. Isso reafirma os sentidos de que a falha é inerente ao ser humano e que não deveria ser levada tão a sério.

No que concerne ao caso de Neymar, os regimes de verdade estabelecidos estão alinhados aos valores cristãos das pessoas que estão comentando. Isso implica uma percepção de que, uma vez que o jogador, ao reconhecer seu erro e pedir perdão, encontra respaldo nesse discurso para ser perdoado, pois o perdão é algo divino e que todos são merecedores. Logo, os jogos de saber-poder que se estabelecem aqui estão para além do ser humano, estão baseados em princípios morais e religiosos. Instituições sociais, como a família e o casamento, são justificativas para defender a posição do jogador enquanto sujeito que está buscando a redenção e uma nova oportunidade para recomeçar a vida com sua noiva. Ao jogador é atribuída a figura positiva de si como indivíduo que busca a virtude e o arrependimento.

Dentre as materialidades relacionadas a homens famosos que sofreram cancelamento nas redes sociais e que constituem o arquivo da pesquisa, aproximadamente 69%⁵ dos comentários reiteravam os sentidos presentes nas figuras 3 e 4. Os comentários refletem uma tentativa de justificativa ou minimização de suas ações. A linguagem utilizada não expressa qualidades negativas dos sujeitos, em vez disso, destacam qualidades positivas, como coragem e humildade ao admitir os erros.

O segundo caso de cancelamento analisado é o da cantora Luísa Sonza, que em 2020, foi acusada de trair o então marido, o humorista Whindersson Nunes. Logo após o anúncio da separação, a cantora lançou um clipe sensual intitulado “Flores”, com a participação do cantor Vitão. Como se trata de figura pública e recentemente divorciada, a cantora recebeu uma série de críticas ao lançar o clipe, sendo apontado que o cantor seria o pivô do término do casal e que possuíam uma relação ainda estando casada. Os julgamentos tomaram maior proporção após alguns meses a cantora assumir um relacionamento com o cantor.

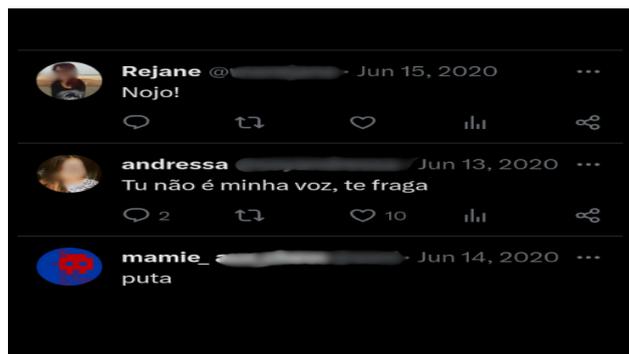
Em decorrência do cancelamento da artista, a cantora foi alvo de *haters*⁶, e seu clipe recebeu alto índice de *deslikes* na plataforma do Youtube.

A seguir, alguns comentários feitos na Rede X sobre o caso.

Figura 5: 18/1/2024

⁵ Na série enunciativa, dos treze comentários selecionados, nove retomavam os sentidos observados nas figuras 3 e 4.

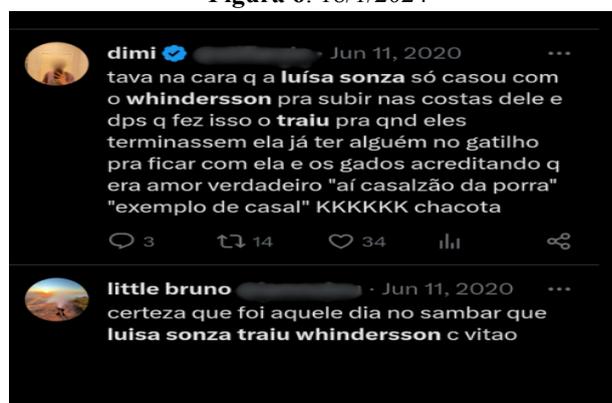
⁶ Gíria presente nas redes para denominar usuários que proferem ataques odiosos e críticas negativas, piadas, ameaças de morte a um outro usuário da rede social.



Fonte: Rede X (2024)

Na materialidade expressa no *post*, é possível identificar nos enunciados-comentários uma linguagem carregada de agressividade, com termos misóginos, advindos de contas que representam perfis de mulheres, que internalizam e reproduzem esses discursos, atuando na manutenção das normas de expectativas ao gênero feminino. As enunciatórias fazem uso de expressões como “*nojo*” e “*puta*”, tom hostil, pejorativo, demonstrando uma forte aversão à cantora. Essas palavras reforçam o sentido de desvalorização da figura feminina pautada em um desafio da norma de gênero, no que diz respeito à sua sexualidade e comportamento, pois para esses sujeitos que enunciam, a cantora ao “trair” está violando as expectativas dirigidas a ela: à mulher está reservada a obediência, fidelidade ao esposo e a responsabilidade em manter o relacionamento estável.

Figura 6: 18/1/2024

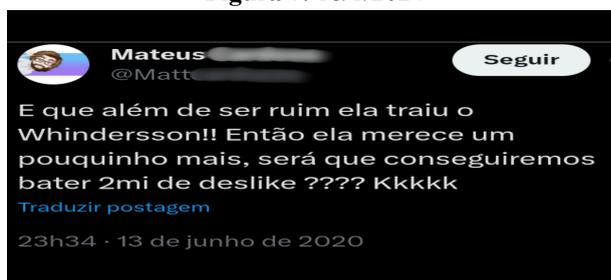


Fonte: Rede X (2024)

No enunciado contido na figura 6, “*tava na cara que a Luisa Sonza só casou com o Whindersson para subir nas costas dele (...)*” é sugerido um julgamento dos sentimentos da cantora, que são invalidados ao ser acusada de se relacionar com o humorista apenas por interesses pessoais e de ter traído seu antigo parceiro, esta crítica é inválida pelo fato que ambos vieram a público desmentir os boatos de traição. Nesse comentário, a imagem da cantora é reproduzida numa rede discursiva histórica na qual a mulher estaria em busca apenas de favorecimentos pessoais, como reconhecimento artístico e dinheiro. Assim, nessa moldura discursiva, a cantora não poderia ser capaz de adquirir isso por conta própria e viu no matrimônio uma forma de se beneficiar. Esse tipo de comentário aponta para uma desvalorização do trabalho da artista, atribuindo seu sucesso apenas à sua relação com o humorista. Dessa maneira, a produção de sentido que decorre desses enunciados sinaliza o funcionamento das relações de poder que atravessam os papéis de gênero em nossa sociedade, em que a mulher, geralmente, é responsável pela manutenção do lar e cuidados com a família e, ainda, recai sobre ela a acusação de depender financeiramente do homem e casar por

interesses.

Figura 7: 18/1/2024



Fonte: Rede X (2024)

Na figura 7, em tom de incentivo, o usuário sugere um boicote ao conteúdo musical da artista como uma punição pela acusação de adultério. A punição pública funciona como uma das instâncias do cancelamento. Em primeiro lugar, há a exposição das ações praticadas, em seguida, o tribunal online faz o julgamento e, por fim, a punição é aplicada. Neste caso, a punição é a desvalorização do trabalho musical da artista. E, como as publicações que envolviam o nome da Luísa Sonza possuíam grande repercussão nesse período, ao encorajar a desvalorização por meio dos *dislikes*, o poder é exercido de forma coletiva na desaprovação do trabalho da cantora. Nos dizeres do sujeito que enuncia, outros discursos são reconstruídos. Por exemplo, o da mulher infiel que deve ser punida. Dessa forma, as condições de existência desse discurso, incluem desde a repercussão da mídia, e esta como uma instituição que exerce grande influência na contemporaneidade, até as normas sociais vigentes relacionadas à moralidade feminina, o que torna possível que esses enunciados sobre traição e desvalorização emergjam e sejam difundidos.

A materialidade linguística “além de”, como locução aditiva, produz efeito de sentido que intensifica a prática da traição feminina em relação à qualidade musical (supostamente “ruim”) da cantora. Assim, estabelece uma conexão direta entre o comportamento pessoal e a avaliação de seu valor como artista.

Figuras 8 e 9: 20/4/2024



Fonte: Rede X (2024)

Na figura 8, o julgamento se dá por meio de uma opinião justificada por “algo me diz que ela traiu”. Não há uma razão, apenas um modo de justificar uma ideia defendida pelo

enunciador. Ao dizer que as pessoas “*suportam a voz e a imagem dela estar em alta*” sugere que seu sucesso não é apreciado, mas tolerado e superficial. Na série enunciativa composta das figuras 7 e 8, nota-se a regularidade discursiva que deslegitima a qualidade dela como artista, reforçando a vontade de verdade que busca estabelecer sua inferioridade moral e profissional.

Na figura 9, o enunciador, através de um meme, retoma o posicionamento discursivo que atribui à cantora a imagem de mulher oportunista, sem capacidade de alcançar o reconhecimento do seu trabalho sem ajuda do homem. Assim, o comediante é discursivizado como sendo ingênuo, vítima de uma mulher astuciosa. Em nossa sociedade, é comum ser atribuída à mulher essa figura que, para alcançar o que deseja, é capaz de tudo, até forjar um casamento para benefício próprio. Esta construção discursiva é abundante historicamente em produções literárias, cinematográficas, teledramatúrgicas. Logo, nesses enunciados para a mulher pesa sempre esse olhar de julgamento.

Ainda na sequência enunciativa presente na figura 9, através do recurso digital do meme, o sujeito que enuncia ressignifica a foto do casamento da cantora, em suposto momento de emoção do noivo, inserindo textos à imagem, e deslocando os sentidos para o contexto de uma suposta traição. Neste contexto, conforme Foucault (2012), todo enunciado compreende um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas. Ele constitui seu passado, define, naquilo que o precede, sua própria filiação, redesenha o que o torna possível ou necessário, exclui o que não pode ser compatível com ele. Além disso, coloca o passado enunciativo como verdade adquirida, como um acontecimento que se produzia, como uma forma que se pode modificar, como matéria a transformar, ou, ainda, como objeto de que se pode falar. Em relação a todas essas possibilidades de recorrência, à memória e ao esquecimento, a redescoberta do sentido ou sua repressão, longe de serem leis fundamentais, não passam de figuras singulares.

Dessa forma, o meme não apenas reconfigura a imagem original, mas também atesta como os enunciados podem ser interpretados de maneiras que podem até mesmo contradizê-lo em suas possibilidades de significação, corroborando com o pensamento de que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux *apud* Gregolin, 2007a, p. 53).

Figura 10: 20/4/2024



Fonte: Rede X (2024)

As vozes presentes na figura 10 indicam uma diferença de julgamento em casos semelhantes de traição, diferindo que um foi cometido por um homem e outro foi atribuído a uma mulher. O enunciador recorre a uma formação discursiva que debate questões de gênero e sexualidade, utilizando as expressões “hetero; cis” como indicadores de posição de poder e controle na vida social.

No presente recorte, as posições discursivas assumidas indicam uma significativa diferença entre as formas de julgamentos. No primeiro comentário da lista, o enunciador utiliza-se de expressões como: “ser ídolo de homem hétero cis deve ser muito bom, porque você pode fazer a merda que for que o peso nunca vai ser tão pesado do que se for uma mulher fazendo”, logo, o enunciador chama atenção para como a normalização da traição é pautada nas normas de gênero. Neymar Jr., enquanto homem cis-heterossexual, teria vantagens que apontam para uma dinâmica de privilégios que as mulheres não têm, o que atesta o estabelecimento de uma relação de poder que valoriza e protege os interesses e a reputação dos homens, com objetivo de manter privilégios. O comentário sugere uma relação desigual, uma vez que homens teriam mais liberdade para cometer erros sem sofrer as mesmas punições ou críticas que mulheres enfrentam em cenários semelhantes. Neste contexto, busca-se estabelecer um discurso de resistência e combate a esses controles e relações de poder. Esses discursos ficaram popularmente conhecidos como “discursos de militância”, uma vez que têm como objetivo dar voz à pauta de grupos minoritários, como vozes dissidentes que desafiam e contestam os discursos dominantes e as práticas de poder.

Ainda na figura 10, um dos comentadores argumenta: “Não sabemos quem é Luísa Sonza”, com tom de desprezo à cantora. É reforçado que, pelo fato de o jogador ser uma celebridade do mundo futebolístico e reconhecido internacionalmente, isso o torna mais importante e relevante o suficiente para merecer atenção ou discussão. Isso aponta para uma tentativa de minimizar a voz ou a presença de Luísa Sonza nas esferas públicas, evidenciando o procedimento da interdição, que diz respeito ao controle do discurso que atua como um limite, determinando o que é aceitável ou inaceitável ser proferido em alguns momentos ou por alguns sujeitos (Foucault, 1996). Nesse sentido, quem enuncia ocupa um espaço onde se sente autorizado a silenciar a artista em questão, o que também pode ser reforçado ao notar que seu *nickname* parodia o nome do dono da Rede X, desde o uso da logo da marca como imagem do seu perfil. Ao usar esse nome de usuário, o enunciador se apropria da autoridade

implicitamente, conferindo uma ideia de alguém autorizado e legitimado para controlar o que deve ou não ser relevante nas discussões.

Ao longo dessas repercussões acerca do acontecido com a cantora, podemos perceber que os posicionamentos discursivos assumidos nos comentários sobre Luísa Sonza, veem a traição como uma conduta reprovável. Nos recortes analisados, a mulher é desqualificada e desvalorizada com base em comportamentos de moral dupla, ou seja, a traição é uma conduta moralmente reprovada, no entanto, quando praticada por homens, não possui grande impacto por ser algo culturalmente naturalizado. Esses posicionamentos filiam-se a um discurso pautado no sexismo, em que a discriminação por algo está fundamentada no sexo. Nesse caso, o regime de verdade presente está na obediência moral de que atribui a traição o caráter de algo reprovável. Como resultado a essa desobediência, são utilizadas justificativas e termos depreciativos para ressaltar a insatisfação dos “júris”.

Enquanto os comentários sobre a cantora são marcados por palavras depreciativas e boicotes, os relativos ao jogador sugerem um apoio considerável, uma supervalorização ao ato de pedir desculpas, fundamentado em um posicionamento religioso, não citam a traição em si, resultado de uma cultura que valoriza a redenção masculina e atribui a traição a um suposto instinto masculino. Ele está fazendo aquilo que é esperado dele. Enquanto a mulher, quando trai, está sendo antinatural, está indo contra a construção social.

Ao comparar as situações de julgamentos sofridos pela cantora Luísa Sonza e Neymar, é nítida a diferença de posições discursivas sobre o mesmo tema. A vontade de verdade que organiza os dizeres sobre a cantora é influenciada por fatores como opiniões, narrativas midiáticas e normas culturais. Já a verdade produzida sobre o jogador gira em torno de uma noção de arrependimento e merecimento de perdão que orbitam a moral cristã. Nos referidos casos, o exercício do poder através dos comentários online evidencia-se na forma como o jogador é defendido e a cantora é culpabilizada. Essa competição reflete a luta pelo controle do discurso e da interpretação dominante dos fatos, como afirma Foucault (1996, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo, é, também, aquilo que é objeto do desejo [...] o poder do qual nos queremos apoderar”.

A seguir, a publicação da cantora Luísa Sonza na Rede X após os ataques sofridos, logo em seguida, na notícia da separação.

Figura 11: 2/5/2024



Fonte: Rede X (2024)

Por meio desta postagem, a cantora Luísa Sonza relata sua experiência com as críticas e como estas impactaram sua vida. Ao entender que as ofensas e o ódio gratuitos não condizem com sua verdade, a cantora demonstra resistência à situação, buscando uma

autoafirmação como resposta às críticas. O que pode ser visto no trecho a seguir,

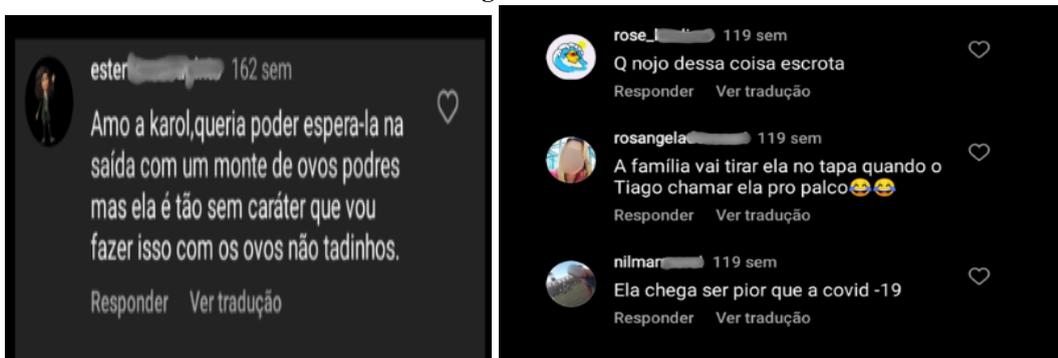
Já me revoltei, me culpei, sofri, senti ódio, me perdi de mim mesma um milhão de vezes, até que tive que entender que nada disso é sobre mim, é sobre quem fala. A boca fala do que o coração é cheio. Eu já me curei disso, desse peso que colocaram em mim (Rede X, 2020).

Neste caso, a cantora sinaliza uma forma de resistir aos poderes imbricados nos discursos e verdades impostas a ela, tornando-se assim um lugar de resistência às formas desse poder disciplinar que procura definir e controlar a sua maneira de ser e estar no mundo. Desse modo, a ação sobre a subjetividade da cantora, efeito da prática do cancelamento, é constituída por meio das experiências vividas pelo sujeito nas relações de poder/saber. Esse processo de subjetivação, ou de formação da subjetividade, ocorre por meio das “técnicas de si” (Gonçalves, 2016). Essas técnicas são práticas que as pessoas seguem para se governar, compreender e modificar a si, e são influenciadas pelas formas do poder disciplinar, as maneiras pelas quais as instituições e estruturas de poder moldam e controlam a conduta dos sujeitos.

4.2 O cancelamentos em *realities shows*: o caso da *rapper* Karol Conká

O terceiro caso de cancelamento examinado diz respeito a *rapper* Karol Conká, que ocorreu em 2021, durante sua participação no programa de televisão *Big Brother Brasil*, após se envolver em polêmicas. O episódio que gerou maior repercussão envolveu o ator Lucas Pentead, quando foi expulso da mesa na hora do almoço pela *rapper*. Passando quase um mês na casa, a cantora foi eliminada com 99,17% dos votos, percentual histórico registrado pelo programa. Com toda essa repercussão, a cantora sofreu inúmeras ameaças nas redes, perdeu cerca de 500 mil seguidores⁷ no *Instagram* e recebeu inúmeros ataques nos comentários de postagens relacionadas a ela. A seguir, alguns comentários sobre a passagem no programa e o pedido de desculpas feito após sua eliminação.

Figuras 12 e 13 : 21/5/2023



Fonte: *Instagram* (2023)

Ao observarmos os enunciados expostos, notamos que na figura 12 há o uso do recurso da ironia ao dizer que ama, mas sugere recepcioná-la de forma não amigável com “*ovos podres*”. Em um dos enunciados da figura 13, ela é comparada à Covid-19, doença de

⁷ <https://portalpopline.com.br/bbb-21-karol-conka-perde-500-mil-seguidores-bill-ganha-700-mil/>

grande impacto que estava em evidência no ano de 2021, podendo ser entendido que a cantora seria alguém altamente repulsiva e indesejável.

Ao longo dos comentários, notamos que palavras como “*nojo e coisa escrota*” são reforçadas no sentido de diminuir a figura da artista e demonstrar que ela não possui caráter. Esses usos encontram apoio em práticas que visualizam a figura feminina como objetos e subjagam-nas com base em seus comportamentos, logo, quando necessitam diminuí-las lançam mão de palavras que possuam significados pejorativos. Nesta sequência enunciativa (figuras 12 e 13), todos os comentaristas se identificam com nicknames femininos e em todos é feita alusão à violência física ou verbal, o que chama atenção por serem, supostamente, mulheres proferindo discurso de ódio contra uma outra mulher. Assim, esta estratégia enunciativa é um indicativo da internalização e a reprodução do discurso de ódio, o que perpetua a violência de gênero, reflexo das relações de poder internalizadas, em que as mulheres, ainda que vítimas, acabam contribuindo para a manutenção dessas estruturas de poder, que atuam no disciplinamento dos sujeitos a partir, inclusive, de seus dizeres.

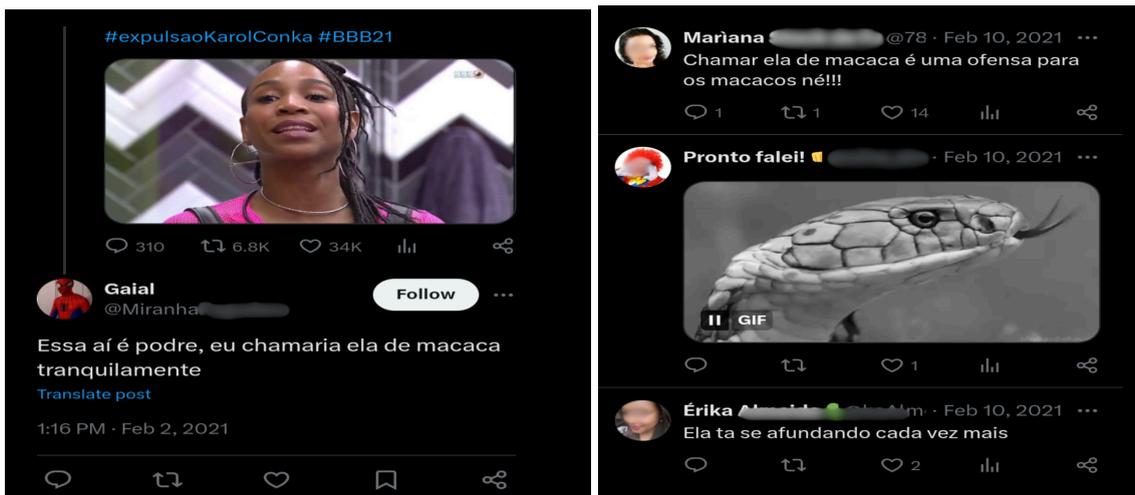
Figura 14: 17/4/2024



Fonte: Rede X (2024)

Os ataques continuam na sequência da figura 14, extrapolando os efeitos do linchamento virtual: o sujeito que enuncia deseja que a cantora seja agredida fisicamente. Nesse exemplo, o cancelamento toma uma proporção que ultrapassa um julgamento no meio virtual e que irrompe um ataque à integridade física. Na dinâmica do cancelamento virtual, o sujeito é julgado como desviante de uma conduta que até então prevalece socialmente como verdade a ser seguida, no entanto, vemos nos casos analisados, sobretudo os que envolvem mulheres, os juristas da internet na busca de fazer justiça acabam por reproduzir também atitudes moralmente incorretas, fazem do ambiente digital um novo Coliseu. No caso analisado, nas figuras 12 e 14, a violência física é evocada como uma maneira aceitável de punição. Dessa forma, o cancelamento como disciplinarização se torna uma prática moralmente aceitável e incentivada pelo chamado à violência. A repetição de termos violentos “*esperar com ovos podres*”, “*ser espancada*” e “*perder todos os contratos*” denunciam a ritualização da violência e a forma de disciplinarização pela qual a cantora está sendo submetida. Esses ataques apresentam uma gradação ascendente em seus efeitos, indo de um ato “menor”, que seria a recepção com ovos podres, para o maior, um linchamento que sai do virtual para o real e as perdas contratuais. Além disso, os *nicknames* utilizados representam perfis femininos que, violentamente, atacam a *rapper*, autorizam práticas agressoras, anulando a ideia amplamente discutida da sororidade, que visa a empatia entre mulheres, independentemente da situação enfrentada.

Figuras 15 e 16: 17/4/2024



Fonte: Rede X (2024)

Na série composta pelas sequências 15 e 16, temos a materialização de sentidos ligados à animalidade associada à artista. Esses termos não são escolhidos aleatoriamente, mas carregam conotações históricas e culturais. Uma vez que é considerada menos humana, a partir da animalização, a violência e o discurso de ódio dirigidos a ela encontram justificativa. Na figura 15, as posições enunciadas relacionam-se a um discurso que compara a figura da pessoa negra ao macaco. A palavra “*macaco*”, no discurso racista, vê na comparação uma forma de diminuir o negro. Essa diminuição se constitui na associação a um não humano. Desse modo, a expressão utilizada nos enunciados-comentários reforça uma visão que persiste em considerar a pessoa negra como desumanizada. De acordo com Almeida (2020, p. 19), “as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade”.

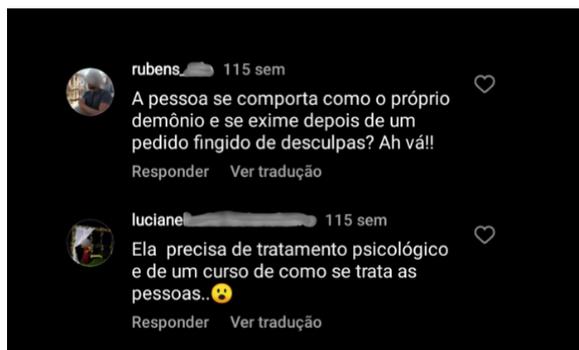
Dessa forma, o racismo é um dos exemplos de forma de poder que se estabeleceu ao longo do tempo mediante sistemas de dominação e controle. Esses sistemas que o sustentam são inter-relacionados, operando desde o nível individual, institucional e estrutural da sociedade. Apoiados por relações de poder desiguais e mantidas através da violência, da discriminação e da exclusão de indivíduos pertencentes a diferentes grupos étnicos.

Segundo Fanon (2008, p. 43), “foi dito que o preto é o elo entre o macaco e o homem; o homem branco”, assim o racismo foi legitimado ideologicamente por meio de discursos que justificavam a superioridade do homem branco em detrimento de outros grupos étnicos. Ainda na figura 16, por meio de um GIF⁸, a cantora é animalizada na figura de uma cobra. Ao fazer essa associação, entende-se que a cantora é subjetivada na figura de um animal que, geralmente, é visto como algo traiçoeiro e perigoso.

Desse modo, as posições discursivas apontadas nas figuras 15 e 16 são sustentadas e perpetuadas pelo sistema de poder mais amplo que molda as relações sociais. É notório que as ofensas dirigidas à cantora têm um impacto significativo que vai além dos ataques vistos nos cancelamentos anteriores. Se para uma mulher os ataques são mais rigorosos, a intersecção de gênero e raça, por sua vez, potencializa esta prática. Aqui, elas enfrentam formas específicas de violência e discriminação que diferem das críticas dirigidas às mulheres brancas.

Figura 17: 21/5/2023

⁸ Formato de arquivo em que é possível criar imagens em movimento, utilizadas principalmente na internet



Fonte: *Instagram* (2023)

Além disso, na figura 17, ao afirmar que “*ela necessita de tratamento psicológico*”, o enunciador recorre a um saber médico psiquiátrico. Dessa forma, não é possível determinar se o autor tem autorização para que a sua afirmação seja considerada verdadeira. No entanto, no espaço discursivo das redes sociais, seus dizeres ganham ressonância junto a tantos outros que o endossam. Isso aponta que ela representa uma ameaça à ordem social e moral, sugerindo que as pessoas que têm comportamentos considerados inadequados devem ter “problemas psicológicos”. Neste caso, os discursos atuam no limite da interdição, em que há um embate entre o discurso racional e o discurso do “louco”, a sociedade tende a valorizar a lógica e a razão e hostilizar os que não se enquadram nesse padrão, (Foucault, 1996).

Esse jogo de sentidos perpetua a ideia misógina de que as mulheres são seres desequilibrados. Retoma-se aqui a discursividade histórica da mulher como histérica, como louca em “*se comporta como demônio*”. Desse modo, questões de saúde mental são vistas como um sinal de fraqueza ou incompetência. A vontade de verdade, ao cruzar o discurso religioso e o médico, aqui sugere que apenas aqueles que estão conforme as normas estabelecidas de pensamento e comportamento são dignos de serem levados a sério.

Com toda repercussão negativa da participação da cantora no programa, foram criados perfis no *Instagram*, dentre eles, um denominado “Rejeição da Karol” que rapidamente atingiu a marca de 2 milhões de seguidores, superando o número de seguidores da própria cantora. Esse alarmante número de seguidores mostra o grau de engajamento que os internautas tinham em assuntos relacionados à Karol Conká. Posteriormente, a página foi banida da rede social.

Figura 18: Página extinta do *Instagram*



Fonte: reprodução/internet

Nos comentários relacionados ao caso da *rapper*, o discurso de ódio está muito presente e encorajado ao incitar a violência física, a comparação com a fraqueza mental, na

criação de perfis que propagavam ódio, e, também, nos comentários racistas.

O discurso de ódio está em voga em debates sociais nas redes, inclusive, quanto à sua regulamentação e sanções, principalmente nas mídias sociais. A propagação desse discurso gera a desumanização de um indivíduo ou de um grupo social (Barros, Pereira e Costa, 2023, p.197) .

Embora possa ser uma ferramenta momentânea para responsabilizar as pessoas pelas suas ações, o discurso de ódio, que muitas vezes acompanha os cancelamentos, é profundamente problemático. A criação de um ambiente de medo e hostilidade pode favorecer à violência, à discriminação e outras formas de intolerância. Seja qual for a forma que assuma, o discurso de ódio contribui para uma cultura de intolerância e exclusão.

As materialidades relacionadas a Karol, apresentam uma filiação a discursos instaurados socialmente que funcionam como estratégias de controle que fazem da mulher um ser inferior e veem na superioridade racial o direito de controlar e dominar as pessoas negras.

Após as redes sociais construírem uma verdade acerca da imagem da *rapper*, retratando-a como ser repugnante, agressiva, essa construção também afetou sua autopercepção.

Em entrevista ao Jornal Extra, a cantora afirma,

Tinha vontade de desmaiar, uma bola aqui no peito, um gelo. Procurei um profissional da área de saúde mental e disse: 'Não gostei disso daí que eu fiz, tenho algum problema? Sou psicopata? Sociopata? Bipolar? O que eu sou? Porque estão falando isso de mim', questionou ela à psiquiatra: "Aí ela falou assim: 'Você está dizendo isso porque realmente acha que é tudo isso daí ou porque falaram?'. E eu disse que se todo mundo estava falando, devia ser verdade. Mas não é (Jornal Extra, 2021).

Neste caso, a cantora Karol Conká compartilha como sentiu o impacto de suas ações e os julgamentos. Há um reconhecimento dos erros cometidos e, além disso, um questionamento sobre a imagem social que lhe foi atribuída. Ao fazer essa autorreflexão, à luz das críticas, há a busca de reconstrução da subjetividade em resposta ao cancelamento. Ao se questionar “*Não gostei disso daí que eu fiz, tenho algum problema? Sou psicopata? Sociopata? Bipolar? O que eu sou?*”, notamos que a cantora começa a não se reconhecer, a duvidar de sua sanidade mental e caráter, influenciada por opiniões externas. Os excessivos julgamentos e a intensidade dos ataques fizeram com que ela internalizasse e questionasse sua própria identidade. Esses jogos de verdades postos começaram a moldar a sua percepção de si. Desse modo, a prática do cancelamento produz efeitos na forma como o sujeito que dela é alvo se percebe, ou seja, ele passa por um processo de (re)construção de si. No caso da Karol, ela desenvolve práticas de si exigidas pelos saberes e poderes que perpassam essa relação no meio digital, pois o que define o sujeito não é algo que nasce com ele, mas que é construído. Em outras palavras, a subjetividade é aquilo que define o indivíduo e que ao mesmo tempo o faz diferente do outro.

4.3 Considerações acerca dos cancelamentos analisados

A presente discussão se concentra na inter-relação entre os dados coletados e os conceitos teóricos foucaultianos aqui mobilizados, visando contribuir para a compreensão do fenômeno em questão.

Se por um lado em todos os casos, os sujeitos estão enfrentando formas de cancelamento virtual, em que suas ações são julgadas pelo público online, por outro lado,

nota-se que nos casos relacionados aos cancelamentos das mulheres, o repertório linguístico-discursivo é frequentemente mais ofensivo, incluindo expressões depreciativas e ameaças, enquanto ao cancelamento do jogador de futebol possui tom mais ameno, sendo frequentemente diminuído o ato em razão do reconhecimento e pedido de desculpas. Nesses julgamentos, são mobilizados sentidos que privilegiam os homens, denotando a eles uma imagem de resiliência, pois, diante das adversidades, os homens utilizam de sua força interior para se remir dos erros cometidos.

O enunciado presente na figura 17 surge após o pedido de desculpas da *rapper*, no entanto, não obteve a mesma recepção positiva que as desculpas do jogador obteve. Nos casos em questão, há uma produção de sentido pela qual subentende-se que os homens têm o direito de errar e pedir desculpas, enquanto as mulheres serão julgadas até por aquilo que não cometeram. Podemos depreender nas análises que, como afirma Foucault (1996, p. 20), a vontade de verdade é “uma prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade”. Dessa forma, o regime de verdade estabelecido é favorável aos homens e fundamentado tanto no discurso religioso, que justifica o perdão como algo sobre-humano e digno de ser atribuído nas situações analisadas, quanto no discurso patriarcal, que exclui as mulheres e as impede de terem os mesmos direitos ao perdão. Mas, por outro lado, são sempre comparadas como uma oposição ao supremo bem, sendo animalizadas na figura do inimigo de Deus (na comparação com o diabo) e, através de seus comportamentos, representam perigo à ordem social e moral.

A historiadora norte-americana Joan Scott (1995) afirma que,

O gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas (Scott, 1995, p. 88).

Por meio destes casos analisados, é possível observar as relações de poder sendo exercidas nas diferentes reações aos cancelamentos dos famosos analisados, destacando a interseção entre gênero e poder. A desaprovação ao caso de adultério pelo qual Luísa foi acusada e as atitudes controversas de Karol, foram permeadas de ataques, enquanto os demais cancelados receberam uma nova oportunidade após suas falhas. Neste contexto, os discursos verdadeiros são aqueles que operam para a manutenção das relações de dominação masculina.

Na leitura de Moura, Brunet e Silva (2023, p.8) “o poder produz, incita comportamentos e ações e permite a possibilidade de recusa, de fugas e de resistências”. No caso de Luísa Sonza, houve uma resistência às acusações atribuídas a ela, os demais casos ocorreram de maneira diferente. Nos episódios de Karol Conká e Neymar Jr., houve o reconhecimento de seus erros e pedido público de desculpas. É evidente que o cancelamento tem um papel de extensão nas relações de gênero. Os ataques não apenas refletem as regras subjacentes ao tecido social, mas também perpetuam a discrepância das relações de poder para além do espaço discursivo das mídias digitais.

A emissora que apresentou o *Big Brother Brasil* lançou um documentário sobre a vida de Karol Conká para tentar minimizar as consequências da participação e do cancelamento. O documentário *A vida depois do tombo (2021)* retratou os desafios, as reflexões e as tentativas de redenção da artista, que perdeu diversos contratos de patrocínios, shows e um programa de TV que apresentaria.

Conforme Gregolin (2007b, p. 22), “As vozes que falam na mídia fazem eco a outros dizeres que vêm de outros lugares da sociedade”. Desse modo, ainda que internautas discordem quando é levantado que nos julgamentos foram envolvidos a questão do racismo,

quando Karol Conká protagonizou as ações pelas quais ela foi julgada, nas redes sociais, além das desaprovações referentes às atitudes, ela tornou-se vítima de racismo ao ser chamada de “*macaca*” (figuras 15 e 16).

Em González (1984), a autora cita uma situação corriqueira utilizada para justificar que no Brasil há igualdade racial,

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um (...) (Gonzalez, 1984, p. 226, grifo do autor).

Logo, ao associar esse pensamento corriqueiro ao fato da disparidade no cancelamento muitos comentadores prontamente refutam, em razão de o exemplo supracitado estar enraizado socialmente. A partir dessas práticas de cancelamento surge uma nova oportunidade para atos racistas mascarados de comentários inofensivos “apesar de esse ser interpretado como um ato odioso, grande parte dos brasileiros continua discriminando, mas jura desconhecer-se como agente do racismo” (Jerônimo, 2021, p. 120).

O fato de as mulheres terem sido duramente atacadas e associadas ao “demônio” e a “cobra” contribui para uma desumanização severa, expressões que favorecem a perpetuação de estereótipos sobre o feminino. Essas tensões entre as verdades mobilizadas em cada um dos casos revelam uma busca constante por dar interpretações que se alinhem com os discursos construídos historicamente acerca da figura da mulher.

A análise dos enunciados revelou uma diferença significativa entre a linguagem utilizada e até os tipos de justificativas empregadas para defender o perdão dos homens. Em primeiro lugar, a linguagem utilizada para descrever homens e mulheres nos comentários refletem estereótipos de gênero enraizados socialmente, pois enquanto os homens são frequentemente descritos de forma mais branda, com termos como “garoto”, “posicionamento de homem” e “sacerdote do lar”; as mulheres são alvo de linguagem mais agressiva e depreciativa, como “puta”, “mulherzinha” e “demônio”. Além disso, as justificativas para defender o perdão dos homens, muitas vezes, baseiam-se em uma cultura de desculpabilização masculina. Comentários como “todo mundo erra” e “quem somos nós para julgar”, demonstram uma tolerância maior em relação aos erros cometidos por homens e, também, o uso do discurso religioso. A diferença no tratamento entre homens e mulheres mostra as diferenças de poder e as regras sociais que favorecem a masculinidade e punem a feminilidade.

Essas dinâmicas de julgamento mostram uma sociedade que continua enraizada em normas patriarcais e expectativas de gênero rígidas. A mulher é frequentemente submetida a um julgamento mais intenso e é facilmente condenada pelos seus erros, enquanto o homem é mais facilmente perdoado e desculpabilizado. Isso sinaliza um funcionamento de modo distinto do poder disciplinar sobre as práticas sociais. Este poder incide de modo diferente sobre os sujeitos, ainda que numa mesma formação histórica.

Ao relacionar os comentários e as diferenças nos julgamentos, é possível notar como as dinâmicas de poder, gênero e raça se entrecruzam. Essa rede de sentidos torna visível a relação dos dizeres, como os que circulam online, à existência de dados discursos sócio-historicamente identificados. E assim, podemos compreender, com Foucault (2012), como a leitura do enunciado põe em jogo a relação deste com uma exterioridade. Essa disparidade reafirma a manifestação do poder que permeia a sociedade e se manifesta de maneira desigual quando relacionados à interseccionalidade de gênero e raça, ou seja, há uma conjuntura sócio-histórica que define o que é permitido dizer e o que não o é sobre homens, mulheres, mulheres pretas, enfim. Assim, é importante na análise dos enunciados tratá-los [...] “pelos contatos de superfície que eles mantêm com aquilo que os cerca, de modo a

conseguirmos mapear o regime de verdade que os acolhe e que, ao mesmo tempo, ele sustenta, reforça, justifica e dá vida”. (Veiga-Neto, 2003, p. 127).

5 APONTAMENTOS FINAIS

Propusemos, nesta pesquisa, compreender as relações de poder presentes no cancelamento virtual de personalidades públicas para contribuir para a compreensão do fenômeno e suas relações sociais na era digital. Para isto, trabalhamos com excertos retirados das postagens das redes sociais: *Instagram* e da Rede X, com o intento de observar os enunciados, as relações de poder, a vontade de verdade e subjetividades criadas nos discursos do cancelamento. Assim, fizemos uso do estudo descritivo-interpretativo, utilizando o método arqueogenealógico como recurso para revelar como as práticas discursivas e institucionais constituem formas de saber e exercício de poder em uma sociedade.

As capturas de tela como instrumentos de coleta de dados permitiram salvaguardar os dados para análise, no entanto, para o desenvolvimento da pesquisa apresentaram-se algumas situações desfavoráveis, como a escassez de postagens dos períodos em que ocorreram os cancelamentos, pois, como as redes sociais possuem a possibilidade de alterar as informações rapidamente e excluir postagens, algumas foram excluídas pelos usuários e a página que foi criada em ataque a Karol Conká foi extinta, assim, a variedade de opiniões foi restringida devido essa característica de ser suscetível a alterações.

Após compreendermos os efeitos de sentidos presentes nos enunciados-comentários analisados, foi possível verificar que as dinâmicas de julgamento refletem uma sociedade que continua enraizada em normas patriarcais e expectativas de gênero rígidas. As mulheres são frequentemente submetidas a um escrutínio mais intenso e são mais facilmente condenadas por seus erros, enquanto os homens são mais facilmente perdoados e desculpabilizados.

Nessa perspectiva, as perguntas de pesquisa mobilizadas no início do trabalho podem ser respondidas da seguinte maneira: apesar do cancelamento virtual atingir tanto homens quanto mulheres, existe uma dualidade de padrões de julgamento entre os gêneros. As justificativas para defender o perdão dos homens⁹, muitas vezes, está baseado em um discurso religioso que defende o perdão e uma cultura patriarcal que estabelece na figura masculina o ser superior e nos julgamentos há menos referência à identidade pessoal, podendo ser percebido como um cancelamento mais brando, com um tom menos odioso e agressivo. Já as mulheres são discursivizadas com uma linguagem agressiva, depreciativa que sustenta uma vontade de verdade que busca por silenciar as vozes divergentes e manter o domínio masculino sobre o discurso e o poder. Quando analisamos o caso da Karol Conká, não somente notamos adjetivos depreciativos, mas, também, ataques racistas. Logo, a mulher negra enfrenta uma carga adicional de discriminação devido à intersecção de gênero e raça.

Nesse sentido, convém destacar que, a partir desses enunciados que, historicamente, expressam ódio e discriminação contra mulheres, surgem as relações de poder que subjagam mulheres e reproduzem discursos racistas.

A partir deste estudo, pudemos observar que: 1) Os discursos presentes nas sequências enunciativas analisadas apontam para justificativas distintas nos cancelamentos. Quando os comentários são dirigidos aos homens, ancorados em um discurso religioso que valoriza o perdão, esses são prontamente desculpabilizados de seus atos, no entanto, em comentários dirigidos às mulheres, os ataques e justificativas para o linchamento estão ancorados em expectativas sociais dirigidas ao gênero feminino e carregados de linguagem agressiva e

⁹ Em outros episódios de cancelamento de figuras masculinas, que compõem o arquivo da pesquisa, esta foi uma regularidade discursiva observada.

depreciativa. Estes discursos não apenas criticam suas ações, como também criticam suas identidades pessoais de forma desproporcional e desumanizadora; 2) Nesses dizeres, no ambiente digital, as relações de poder se revelam por meio de práticas que perpetuam a superioridade masculina e o silenciamento e desvalorização do feminino, contribuindo para a manutenção dos papéis sociais vigentes; e por último, 3) Nessas dinâmicas de poder, as mulheres estão sujeitas a uma vontade de verdade que busca silenciá-las, deslegitimá-las e, para voltarem a esse espaço público, precisam se governar, modificar a si, constituindo-se, assim, um sujeito disciplinarizado, diferentemente dos homens, que são tratados com um nível de respeito e preservando suas dignidades. Desse modo, o cancelamento, é um mecanismo de (re)produção do poder disciplinar que torna visível os regimes de verdade que orientam e controlam a conduta dos sujeitos socialmente. Este estudo, ao adotar uma abordagem arqueogenealógica, propôs mostrar como esses discursos são construídos, mantidos e/ou contestados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S.L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.

BARROS, G.L; PEREIRA, L.S. A; COSTA, D.P. O racismo no Brasil: uma análise do discurso acerca da propagação e reforços de um sistema em jornais digitais. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 17, n. 37. 2023. p. 190-208.

CARLOS, L. A. M; SILVA, F.V. Relações de saber-poder e o processo de constituição do sujeito dependente digital. **Revista X**, v. 15, n. 3, p. 27-47, 2020.

DOMINGOS, J. AD com Foucault: sobre alguns elementos históricos e a arqueologia. *In: Análise do discurso: mídia, poder e heterogeneidade*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2014. p. 168 - 199.

DOMINGOS, J.; SILVA, M.M. Uma luz no fim do túnel! - supremacismo racial, memória e o discurso antirracista em charges. *In: A potência dos discursos no presente: gestos de leitura do acontecimento*. João Pessoa: Marca de Fantasia. 2023, p. 81-111.

EXTRA. Karol Conká fala de sua saída do bbb 21 sete meses depois: Saí taxada como ‘psicopata’. 2021. Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/karol-conka-fala-de-saida-do-bbb-21-sete-meses-depois-sai-taxada-como-psicopata-25212826.html>. Acesso em 20 jan. 2024.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador : EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GOMES, K.K.F.; DA SILVA, F.V. Jogos de verdade, poder e resistência: pensando a constituição da mulher cientista em discursos das mídias digitais. **Revista Interfaces**, v. 10, n. 01. 2019. p. 102-115.

GONÇALVES, J. F. G. Foucault e a questão do dispositivo, da governamentalidade e da subjetivação: mapeando noções. **Margens**, v. 6, n. 7. 2016. p. 105-122.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. 1984. p. 223-294.

GREGOLIN, M. R. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. *In*: FERNANDES, C.A; SANTOS, J.B. (org.) **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, P. 2003. p. 21-34

GREGOLIN, M. R. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades, *In*: BARONAS, R. L. (org.). **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores. 2007a. p. 155-168.

GREGOLIN, M.R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 4. 2007b. p. 11-25.

JERÔNIMO, I. C. Eu sou racista: uma análise discursiva sobre o imbricamento de posições-sujeito. **Revista Expectativa**, [S. l.], v. 20, n. 2. 2021. p. 116–134. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/26234>. Acesso em: 29 out. 2023.

JOANILHO, A. L; JOANILHO, M.P. G. Enunciado e sentido em Michel Foucault. **Revista Línguas**, v. 27. 2011. p. 27-41.

LEMOS, A. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. *In*: CUNHA, P. (org.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina: Porto Alegre. 2003. p. 11-23.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa - São Paulo: Ed. 34. 1999. 264 p.

LOPES, M. A. P. A cultura do cancelamento no dispositivo midiático: subjetividade e prática de si: The cancel culture in the media device: subjectivity and practice of the self. **Revista do GEL**, [S. l.], v. 19, n. 1. 2022. p. 146–164.

MOURA, T.S; BRUNET, P. D.M.; SILVA, F.V. Discurso, poder e subjetividade na sociedade do cansaço: um estudo de tiras cômicas da série Viver dói, de Fabiane Langona. **Discursividades**, v.12,n.1. 2023. p.1-26. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REDISC/article/view/1669>. Acesso em: 29 jan. 2024.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

POPLINE. BBB 21: Karol Conka perde 500 mil seguidores; Bill ganha 700 mil. 2021. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/bbb-21-karol-conka-perde-500-mil-seguidores-bill-ganha-700-mil>. Acesso em: 15 jan. 2024.

SANTOS, J. A.; OLIVEIRA, G.S.; SAAD, N. S. Análise De Discurso: fundamentos e procedimentos. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43. 2021. p.84-97.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2. 1995. p.71-99. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez , 2007.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a **Deus** por me manter de pé ao longo desta caminhada, por sempre estar comigo me dando força, paciência para não desistir, fazendo-me acreditar que sou capaz.

À minha amada família, em especial à minha mãe, **Cleonice Barbosa**, por ser meu alicerce a quem posso sempre contar; meu pai, **Antônio Bento** (*in memoriam*), por sempre inspirar-me com seu legado; meus irmãos e irmãs, pelo apoio incondicional ao longo dessa jornada.

Agradeço profundamente pela oportunidade de cursar esta graduação, que não apenas ampliou meus horizontes acadêmicos, mas também me proporcionou uma fuga valiosa de um período muito difícil.

Às amigas que floresceram ao longo dos cinco anos de curso, vocês tornaram essa jornada mais significativa. Cada risada compartilhada e desafios superados juntos enriqueceram minha experiência. Esta jornada foi mais rica e memorável graças à presença cordial de cada um de vocês.

Ao meu orientador, **Domingos**, suas sábias orientações e apoio foram fundamentais para a concretização deste trabalho. Sou grata por sua confiança e orientação ao longo deste percurso.

Aos professores examinadores deste trabalho de conclusão de curso, **Tânia Maria Augusto Pereira** e **Raniere Marques de Melo**, pelo compromisso com a leitura e pelas contribuições oferecidas para a versão final do trabalho.

Expresso minha gratidão a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória educacional, desde os primeiros anos de ensino até a graduação. Cada um contribuiu significativamente para o meu crescimento pessoal e acadêmico.

Por fim, agradeço a todos que incentivaram e acreditaram na realização desta etapa.

Vocês foram os alicerces que sustentaram minha trajetória, e por isso, minha gratidão será eterna.

Meu sincero **AGRADECIMENTO!**